

## **Pelo retrovisor**

**J.L. Rocha do Nascimento**

Anos sessenta. Quando descii na agência e bati com a mão a poeira acumulada na primeira calça comprida, também deixava para trás, sem nenhuma saudade, a palmatória com que tia Vitória me castigava diante da teimosia em continuar a escrever com a mão esquerda. Acabara de chegar de um povoado longínquo e encravado quase que lá no fim do mundo. Meus pés, acostumados ao chão batido, no início, estranharam os paralelepípedos sobre os quais eu dava os primeiros passos. Fui morar na casa de minha avó, viúva. Aos domingos, a diversão era passar o dia na casa do tio Josué. Casado, sem filhos. Uma Rural-Willys na garagem. Azul e branco. Faixa branca nos pneus. Naquela época, quem tinha um carro daquele era considerado rico. Como não aprendera a dirigir, tinha um motorista. Atendia pelo nome de Panta, um negão espigado, cheio de si. Cabelos engomados com brilhantina. Um canino de ouro realçando o sorriso e uma voz estrondosa. Casado de papel passado com Dona Josefa, zeladora do colégio do bairro, de quem tinha tanto medo que se pelava. Usava calças e camisas de tergal, no mesmo tom. Podia sentar, levantar, sentar de novo ou encostar à parede. Não amassavam, nem perdiam o vinco. Na camisa, na altura do peito, bolsos com botões nos dois lados. No direito, a carteira de motorista. No esquerdo, sempre uma de cigarro. Contrariando a maioria dos adultos que eu conhecia, não fumava Continental e sim Minister: para o homem que sabe o que quer, dizia, repetindo a propaganda. Certa feita, me deu um maço vazio. No mesmo dia comecei minha coleção. A gente transformava em notas. Isso depois de um cuidadoso trabalho. O jogo era desfazer a embalagem sem rasgar ou danificar. Primeiro descolava. Depois dobrava as laterais em direção à parte interna, mais ou menos na largura do dedo mindinho. Em seguida, com o polegar apoiado pelo indicador, a unha voltada para baixo, e a mesma paciência de mãe ao passar a camisa de cambraia de pai,

pressionava em ambos os lados para afastar o risco de a dobra se desfazer. Ao final, mais uma dobra, no meio, como se faz com as notas de dinheiro. Na bolsa de apostas entre os meninos da rua, a de Minister valia mais que uma de Hollywood, e por menos de cinco de Continental ninguém fazia troca. Por ser mais barato e sem filtro, a do cigarro Gaivota tinha maior índice de rejeição. A mais rara e valiosa? Cônsul, mentolado e meio doce, um pouco enjoativo. Mas tinha lá sua vantagem. Bom para namorar, falar de perto, diziam os acima de meu tope. E era mesmo, constatei alguns anos depois. Antes disso, quando eu queria beijar, depois de umas tragadas, sempre chupava bombons piper. Com o Cônsul não havia com que se preocupar, podia beijar sem medo. Mas foi um Minister o primeiro cigarro que fumei escondido.

O Panta gostava de Bang-bang italiano. Levava-me junto, no início. Quase sempre num poeirinha próximo à nossa casa. Era mais barato, não tinha lanterninha, e as pessoas podiam fumar à vontade. Mais conhecido por Baganinha do que pelo verdadeiro nome. Quando a sessão acabava e as luzes se acendiam novamente, o chão estava repleto de baganas de cigarro, daí o apelido. Foi o Panta quem pela primeira vez me disse que quando o artista morre no final o filme não presta. Quando for assistir a um, dizia, pergunte antes se o artista morre no final. Se morrer, espere a sessão seguinte. Eles nunca colocam dois filmes seguidos nos quais, em ambos, o artista morre no final. Lembro-me bem de que eu, um dia, já graúdo, todo metido a bacana e a sabido, caí na besteira de querer ensinar o padre-nosso ao vigário e me dei mal. Sessões da tarde, Cine Rex. Em cartaz, seriados de Tarzan. Na bilheteria, para conseguir o ingresso, eu aumentava minha idade. Nas calçadas, entre uma sessão e outra, e quando o investigador de menores não estava por perto, vendia e trocava revistas em quadrinhos. Aquele que, por um azar qualquer, desse de cruzar com o inspetor, podia contar como certo que seriam recolhidas todas as revistas expressamente proibidas para menores, assim como os gibis cuja leitura ele, mediante critérios inconfessáveis, julgava não ser

recomendável. Todos sabíamos o destino dado. Depois de apreendidas, eram vendidas ou trocadas por cigarros na banca de jornal e revistas usadas que ficava no outro lado da praça. E não podíamos fazer nada, a não ser amargar o prejuízo, que ninguém era doido de se meter com o investigador de menores. Sempre andava acompanhado de dois policiais, à paisana. Sempre achei que ele procurava algo mais do que simples revistas de mulher pelada ou gibis de espionagem. Naquele dia, me aproximei de um menino, maior do que eu, que olhava fixamente o cartaz de um faroeste programado para passar logo após o filme estrelado por Lex Barker, de quem, confesso, embora seja minoria, gostava mais do que do John Weissmuller. Disse-lhe que aquele filme não prestava porque o artista morria no final. Não gostou. Olhou-me com desprezo, pés à cabeça. Não sabia onde enfiar minha cara, tanta a vergonha. O sujeito era um rato de cinema, descobri depois. Sabia de tudo. Era do tempo em que Giuliano Gemma ainda se chamava Montgomery Wood. E eu que achava que estava abafando. Mas era a pura verdade. Havia uma lei entre os fanáticos por faroeste. Ninguém admitia artista perder pra bandido. Portanto, filme em que o artista morria não prestava. Mas, ainda pequeno, assisti (e gostei) a um no qual o artista morreu no final. *El Cid*, o herói espanhol que expulsou os mouros da Espanha. Só que não era de faroeste.

Voltando à Willys. Não entendia muito de carro. Agora, o que mais gostava nela era o volante. Isso depois do cheiro de gasolina e do barulho do motor. Não se vê mais aro de volante de direção como aquele nos dias de hoje. Preta com listras brancas. Acabamento em madreperla, uma rótula no centro onde também ficava a buzina. Eternamente brilhando, que o Panta sempre tinha uma flanela ao alcance da mão. A mesma com que polia o Vulcabras 752, tamanho 44. A buzina? Aquilo era uma coisa mágica. Gostava do Panta porque ele deixava buzinar, quando a Willys estava parada na garagem, entenda. Poucos meninos podiam fazer isso. Mas não devia abusar muito, pra não arriar a bateria, resmungava, antes de uma daquelas longas tragadas, os olhos fixos no céu, esperando uma estrela-d'alva cair. Na hora

do almoço do tio, pedia para deixar-me dirigir. Tudo bem, só não toque na chave de contato, aconselhava. E nada de passar pela frente do pavilhão dos tuberculosos, concluía, querendo me assustar, com aquele sorriso meio debochado. Então me aboletava na cabine e agarrava o volante com as duas mãos, o coração aos pulos. Com a vibração dos lábios eu imitava o barulho do motor, que roncava à medida que mudava de marcha. Chato que quase sempre só dirigia em linha reta. Não tinha força suficiente para movimentar a direção para os lados, o aro era largo e os braços curtos dificultavam manobras que exigiam maior esforço e habilidade ao volante como curva ou retorno, o que tinha que fazer obrigatoriamente, porque da ponte não podia passar. Além do mais, toda vez que ia mudar de marcha teimava em olhar para o câmbio. Sem falar na embreagem, que meu pé somente alcançava caso me esgueirasse até a cabeça ficar na altura da maçaneta interna, o que era perigoso, pois o pára-brisa sumia da minha visão, podia provocar um acidente. Mas, quando buzina, lavava a alma!

Tinha outra coisa que me ligava à Rural do tio. Foi com ela que ele me levou pela primeira vez ao Clube dos Diários. Nunca levava a tia quando ia passear de carro. Era doente. Quase nunca saía de casa, quase sempre no quarto, da sala dava pra ouvir sua respiração sofrida. Ninguém podia entrar ali. Manhã de domingo, só que não era apenas uma simples manhã, aquela foi especial. Matinê de carnaval. Nesse dia, o tio perguntou à cunhada, uma mocinha que também saiu do interior para tentar a vida na capital, se por acaso não queria pular o carnaval. Serelepe, ela corria na ponta dos pés quando o tio a chamava. Tinha os peitos empinados e os olhos escorregadios. Disse logo que sim, foi junto. Com a mesma solicitude, tempos depois, passou a ajudá-lo na loja de ferramentas. Na matinê, só não entendia o porquê que eles, de vez em quando, ao som de marchinhas, me deixavam sozinho na mesa e sumiam no meio do salão. Quando voltavam, enquanto ela ajeitava com a mão a barra da saia amarrotada, ele jogava-lhe serpentinas. Nenhuma veia à mostra. Aquele era o pescoço mais lindo e roliço que

até então já tinha visto. Pra me agradar, trouxe à mão algo especial. É disso que mais me lembro. Do momento em que bebi pela primeira vez um refrigerante. A garrafa era escura, roliça e afunilada na extremidade. O rótulo, com uma faixa vermelha atravessada de um canto a outro, era de papel. Vermelho e branco, as cores predominantes. No centro, havia um círculo; dentro dele, a figura de um cacho de frutos vermelhos dependurados ainda na folhagem. A diversão era, à medida que a garrafa, digamos assim, *suava*, tentar descolar o rótulo sem rasgar ou deixar qualquer vestígio. Sabe aqueles resíduos brancos de papel, grudados no vidro? Não podiam ficar, caso em que a brincadeira não tinha graça. Quem nunca fez isso? Depois colava no braço ou em qualquer outra parte do corpo. Como se fosse uma tatuagem.

Quando o garçom abriu a garrafa, ouvi um estouro. Poh! Tomei um susto, quase caí da cadeira. Refeito, pequei a tampinha. A parte interna, cortiça. Escavaquei com as unhas até atingir o metal pra ver se era premiada. Não era. A partir de então comecei também a colecionar tampinha de refrigerante e aguardar ansiosamente pelas manhãs de domingo. Meu tio encheu o copo e mais da metade era só de espumas borbulhantes. À medida que baixavam, ele ia completando. Eu, olhos vidrados, agarrei o copo com as duas mãos e, de tão mergulhado, sequer percebi que a outra mão do tio abria outros caminhos. Fiquei impressionado. As bolhas se multiplicavam, cresciam, pareciam que iam desbordar. De repente, começavam a pipocar e a chiar, não sei o que vinha primeiro. Fui mais rápido. Antes que desaparecessem de uma vez, levei o copo à boca. O meu primeiro gole. Foi mágico!

O tio adquiriu outros automóveis, mas nunca se desfez da Rural. Antes de morrer, já viúvo, a cunhada à cabeceira da cama como testemunha, doou-me. Vou zelar até o fim de meus dias, disse, agradecido. Atualmente, tiro-a da garagem somente aos domingos, para um rápido passeio. As faixas brancas nos pneus

continuam conservadas. Ocorre que não há mais paralelepípedos. Somente o breu do asfalto. O volante ainda conserva o mesmo brilho, que flanelas não me faltam. O Panta também morreu, abatido por um câncer de pulmão. O Baganinha deu lugar a uma retífica de motores. O outro engrossa um dos vários volumes de um processo de inventário. O meritíssimo já vomitou uma dúzia de latim, mas eles querem mais. Já não tenho medo de atravessar a ponte, que continua a dividir a cidade. Mas ainda mudo de calçada quando, a pé, passo em frente ao antigo pavilhão dos tuberculosos. E o rio? Bem, o rio, quase que não é mais. Moleques soltos brincando de bola nas ilhotas? Assim com aqueles velhos tempos, somente pelo retrovisor da velha Willis.

---

**J.L. Rocha do Nascimento** (Oeiras-PI, 1959) é magistrado, professor e contista. Integra o grupo Tarântula de contistas. Publicou recentemente, em parceria com os demais integrantes do grupo, o livro DEI PRA MAL DIZER. O conto ora publicado obteve o 3º lugar no Concurso de Contos Cidade de Teresina 2011, da Fundação Cultural Mons. Chaves.